

**REARRANJOS FAMILIARES DO SÉCULO XXI: O empoderamento
da esposa e a retomada da função paterna no seio familiar do
emigrante retornado**

**FAMILY REARRANGEMENTS AT XXI CENTURY: The
empowerment of the wife and the resumption of the paternal role in
the family of the returned emigrant**

Odacyr Roberth Moura da Silva¹

RESUMO

A cidade de Governador Valadares é conhecida pelo grande contingente de pessoas enviadas para o exterior. No retorno, o emigrante depara-se com diversas alterações ocorridas durante a sua ausência, mudanças estas que resultaram em um ambiente diferente, no qual as pessoas que antes conhecia, apresentam mudanças substanciais. Nessa perspectiva, este estudo buscou analisar como se dá a reinserção do emigrante no seio familiar frente ao empoderamento da esposa e ao declínio da sua função paterna. A pesquisa foi realizada junto a 17 famílias de emigrantes retornados. Os dados foram coletados através de entrevista em profundidade com o auxílio de um roteiro semiestruturado. Constata-se que com o retorno, muitos emigrantes estranham sua família ao encontrar mulher e filhos mais conscientes, autônomos e empoderados. Muitos sentem-se inseguros com o fato de não deterem mais tanto poder quanto antes e

¹ Acadêmico do 8º período de psicologia da UNIVALE – Universidade Vale do Rio Doce, orientado pelo professor Dr. Carlos Alberto Dias. Endereço para correspondência: Rua Flamboyants, 100, Altinópolis, Governador Valadares – MG, CEP: 35053-210. E-mail: odacyrrms@hotmail.com

isso, conseqüentemente, gera conflitos psíquicos que refletem na sua maneira de gerir seus relacionamentos interpessoais, especialmente no âmbito familiar. Conclui-se que no retorno, faz-se necessário um movimento de reorganização familiar, rearranjo de papéis e restabelecimento de saudáveis relações intrafamiliares, relações estas outrora alteradas pela dinâmica da migração.

Palavras-chave: empoderamento, emigração, retorno, família

ABSTRACT:

The city of Governador Valadares is known for large numbers of migrants sent abroad. In return, the emigrant is faced with several changes that occurred during his absence that resulted in a different environment in which people they knew before their departure show substantial changes. In this perspective, this study investigates how is the reintegration of the migrant in the family, in light of the empowerment given to his wife and the decline of his paternal role. The survey was conducted among 17 families of returned emigrants. Data were collected through in-depth interviews with the aid of a semi-structured script. It was found that after their return, emigrants find it very strange to find their wives and children, more conscious, autonomous and empowered. A great part of them feel insecure with the fact of not having as much power as they did before their departure, and consequently, that generates psychic conflicts that reflect in their way of managing their interpersonal relationships, especially in the family scope. As a result, it is concluded that, in their return, a family reorganization movement is necessary, as well as rearrangement of roles and restoration of healthy intra-family relationships, that have been altered by migrations dynamics.

Keywords: empowerment, emigration, return, family

INTRODUÇÃO

Governador Valadares é uma cidade internacionalmente conhecida por um fenômeno de deslocamento populacional que vem ocorrendo desde a década de 60, chegando a seu ápice na década de 1980. Geralmente, os mecanismos do processo migratório funcionam da seguinte forma: o emigrante planeja junto à família abandonar tudo em seu país de origem e viajar para o exterior para trabalhar, poupar dinheiro suficiente para comprar casa, carro e montar o próprio negócio no Brasil (ASSIS & CAMPOS, 2009). Com o passar do tempo e a formação e consolidação das redes sociais, o emigrar, que inicialmente era um projeto pessoal e familiar, tornou-se um projeto compartilhado pela sociedade. Pagar as dívidas, comprar uma casa, melhorar a situação financeira – eventualmente montar um empreendimento na cidade de origem – ou conseguir um emprego, têm sido fatores propulsores desse movimento, trazendo, com o aumento do poder aquisitivo, vantagens para os envolvidos neste processo, como melhores condições de moradia, saúde, lazer e educação (SIQUEIRA, 2009).

O retorno é constitutivo do projeto de emigrar. Contudo, este retorno é almejado em uma situação que possibilite uma melhoria de vida para o emigrante e para sua família. Em busca desse desejo, muitos que planejaram ausentar-se por dois ou três anos adiam o retorno por longos anos (ASSIS & CAMPOS, 2009).

Aos familiares que permanecem no país cabe esperar que o tempo de ausência encurte. Todavia, muitas vezes, este tempo é prolongado indefinidamente. Os pais que deixaram seus filhos pequenos procuram manter contato através de telefonemas ou

internet. Ao longo dos anos esse contato torna-se mais distante e frio. A espera, porém, permanece, e a expectativa do retorno é sempre renovada a cada final de ano ou evento marcante na família. Este retorno, por sua vez, quase sempre é adiado em função de alcançar o objetivo econômico. (ASSIS& CAMPOS, 2009)

A família, que por ora se encontra fragmentada devido à ausência de um pai e parceiro, tem como única opção a união afetiva mantida à distância. Esta vivência remete a todos um misto de emoções caracterizado por dúvidas, esperanças e desejo do retorno. Além destes, outros sentimentos também podem fazer parte do dia a dia dos envolvidos até que o emigrante retorne para o lar. O que ocorre em diversas situações é que essa fragmentação da família se torna uma rotina fazendo com que ocorra uma adaptação a esta nova condição de vida. Esperar é a única alternativa, caso parceira e filhos almejem que a família possa um dia estar unida fisicamente.

Estimulados pela recessão econômica no país de destino, pelo bom momento da economia nacional ou mesmo por motivos particulares, grande parte dos emigrantes têm retornado ao seu país de origem, perfazendo o movimento contrário, tão sonhado em seu planejamento inicial. Contudo, o retorno, enquanto decorrência necessária do processo emigratório revela-se, muitas vezes, mais difícil do que a decisão de emigrar.

Quando parte, o emigrante está cheio de ilusões e esperanças e quando regressa, percebe que este espaço não é mais aquele que ele levou na lembrança (SIQUEIRA, 2009). Depara-se, então, com diversas alterações ocorridas durante a sua ausência que resultaram em um ambiente diferente no qual as pessoas que antes conhecia parecem mudadas como se fossem diferentes daquelas que faziam parte de seu círculo de convivência. Este novo cenário gera no emigrante um desconforto e estranhamento que

resultam em um profundo sentimento de não pertencimento àquele novo ambiente, isto é, ao seu local e convívio de origem.

Em termos gerais, este estudo buscou analisar como se deu a reinserção do emigrante no seio familiar frente ao empoderamento da esposa e o declínio da sua função paterna. Em termos específicos este trabalho pretende verificar em que medida o emigrante retornado e seus familiares (mulher e filhos) percebem ou perceberam o estranhamento vivenciado a partir do retorno e levantar as consequências geradas por esse estranhamento para a reinserção simbólica deste emigrante interior do sistema familiar. Busca-se também averiguar como esta mesma representação psíquica de família se restabeleceu com o retorno do emigrante à terra natal.

Considerando o elevado número de famílias valadarenses envolvidas que continuamente se envolvem no processo emigratório, faz-se necessário o levantamento de subsídios que possibilitem futuras reflexões quanto às dificuldades e possibilidades do processo de readaptação familiar de emigrantes retornados. Tais reflexões são de grande importância para profissionais que atuam no campo da pesquisa, da intervenção clínica e educacional. Mais especificamente, no campo da Psicologia Social, essas reflexões permitem o avanço no âmbito das indagações referentes às rupturas, reconstrução e recomposições de estruturas familiares em contextos de grande mobilidade social.

Em termos práticos, no âmbito da atenção individual e familiar este estudo poderá fornecer subsídios aos profissionais que atuam junto às famílias de emigrantes para melhor orientá-las quanto aos caminhos e descaminhos do processo de readaptação à família, do e pelo emigrante retornado. No âmbito social, os resultados da pesquisa

poderão fornecer subsídios para políticas públicas que tratem do fenômeno da emigração.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de tipo descritiva de natureza exploratória na qual foi utilizada abordagem qualitativa. Quanto aos procedimentos técnicos para coleta de dados fez-se uso de entrevista em profundidade. O universo foi formado por famílias de emigrantes retornados residentes no município de Governador Valadares.

A amostragem foi intencional envolvendo 17 famílias de participantes. Foram realizadas entrevistas em profundidade com emigrantes retornados, mulheres e filhos maiores de 18 anos cujos companheiros emigraram há pelo menos 3 anos e retornaram há pelo menos 2 anos. Os emigrantes retornados, as mulheres e os filhos maiores de 18 anos participantes da pesquisa foram localizados inicialmente a partir de indicação de pessoas da comunidade e pelos participantes da pesquisa (técnica metodológica “snowball” - bola de neve).

Foram incluídos na pesquisa os emigrantes retornados, mulheres e seus filhos maiores de 18 anos que, uma vez indicados e acordados em participar, se mostraram emocionalmente equilibrados diante do tema a ser abordado. Não foram considerados no presente estudo emigrantes retornados cujo tempo de permanência no exterior foi inferior a três anos. Também foram excluídos os filhos de emigrantes que apresentaram dificuldades emocionais severas em discutir sobre a emigração do pai, os filhos que se recusaram a participar mesmo com a anuência da mãe e aqueles que apresentaram algum déficit emocional ou cognitivo.

Os participantes, após terem conhecimento dos objetivos da pesquisa e manifestarem disposição em participar da investigação, leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

As entrevistas em profundidade foram registradas eletronicamente por meio de um gravador de voz digital com autorização dos participantes. A entrevista foi guiada por pontos de interesse para a presente investigação com base num roteiro semiestruturado de questões. As entrevistas ocorreram no domicílio dos participantes, em local que permitiu a manutenção da tranquilidade e do sigilo. Os dados coletados foram analisados utilizando-se como método a Análise de Conteúdo de Bardin (2009). Os dados foram coletados no primeiro semestre de 2012. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Vale do Rio Doce.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estranhamento do retorno

O estranhamento familiar afeta e também é afetado por outros estranhamentos que o emigrante encontra ao regressar. O emigrante estranha desde um buraco na rua até o modo de ser da esposa que ele não reconhece mais. Nos relatos, percebe-se o estranhamento sentido em relação ao trânsito, às pessoas nas ruas, ao modo brasileiro de trabalhar, ao modo de receber o salário, enfim, de tudo que rodeia o emigrante retornado. Muitos deles, inclusive, eram tachados como chatos por suas famílias por sempre fazerem comparação do Brasil com o país no qual estavam residindo e nesta comparação o Brasil quase sempre perdia. Todo esse sentimento de estranheza culmina,

no entanto, no ambiente familiar, onde o emigrante mais investiu afeto, onde mais espera sentir-se parte e exatamente onde ele sente-se mais impactado.

Assis e Campos (2009, p. 97) sintetizam muito bem essas informações quando concluem que quem retorna não reconhece o lugar de onde partiu, estranhando os lugares e especialmente as relações sociais. Viver no exterior faz com que o indivíduo sinta-se estrangeiro em sua própria casa: “muitos acham a cidade suja e lenta, reclamam da falta de respeito às leis, sentem falta da modernidade norte-americana, (...), e então sentem-se deslocados, têm que reconstruir suas relações sociais, seu lugar.” (ASSIS & CAMPOS, 2009, P. 97).

A respeito do movimento de retomada do seu lugar, Giddens (1993, p. 87) afirma que “quando grandes áreas da vida de uma pessoa não são mais compostas por padrões e hábitos preexistentes, o indivíduo é continuamente obrigado a negociar opções de estilo de vida”. Nessa tentativa de reconstrução do seu lugar junto à sua família, buscando realocar-se, o sofrimento psíquico sentido tanto pelo emigrante quanto pela esposa e filhos é na maioria das vezes inevitável.

A autonomia adquirida pelos filhos e pela esposa é o fator que os emigrantes mais mencionaram durante as entrevistas como fator motivador de estranhamento e principalmente choque de ideias e disputa de poder. Às vezes essa autonomia é tão grande que o emigrante não é capaz de suportá-la e opta por abandonar seu núcleo familiar.

Os emigrantes relataram que foi mais difícil entrosar com seus filhos do que com suas esposas; os relatos dos filhos e das esposas corroboram este dado. Os filhos mencionam muito mais estranhamento em relação ao pai do que as esposas em relação ao marido, visto que se trata da mesma pessoa. As mudanças ocorridas com os filhos,

tanto fisicamente quanto psicologicamente, são de proporções maiores do que as sofridas pela esposa. Como exposto pelo Emigrante 17, que permaneceu no exterior por 6 anos, quando eles vão, deixam no Brasil crianças, e quando regressam, encontram homens. O emigrante 12 confirma: “A minha esposa era a mesma, agora os meninos não, porque com os meninos eu tive que readaptar tudo de novo... Pra eles era mais difícil. Pra eles e pra mim, né? Era mais difícil.” (EMIGRANTE 12, 2012). Neste caso, o emigrante permaneceu nos Estados Unidos por 4 anos e 8 meses em sua última viagem, deixando 3 filhas no Brasil. Entre idas e vindas decorrente de sua deportação, o emigrante 12 permaneceu ao todo 7 anos no exterior, encontrando uma das filha que havia deixado com 10 anos, às vésperas de completar 18 anos de idade.

Deste modo, percebe-se, assim como enfatiza Sarti (2003, p. 39) “que a família não é uma totalidade homogênea, mas um universo de relações diferenciadas, e as mudanças atingem de modo diverso cada uma destas relações e cada uma das partes da relação”. Neste relato, embora o entrevistado insista que não houve estranhamento em relação à esposa, aponta diversas diferenças existentes entre os filhos que ele deixou e os filhos que encontrou, tais como a rotina alterada e filhos crescidos e responsáveis. Essas diferenças, contudo, não foram interpretadas como negativas pelo emigrante e por isso não interferiram na reconstrução dos laços familiares.

Siqueira (2007) indica que 31,4% dos emigrantes que retornam ao Brasil voltam para o exterior por questões que vão desde o estranhamento em relação ao país de origem até a dificuldade de compreender a dinâmica econômica do país. Essa decisão independe se o projeto migratório foi um sucesso ou um fracasso. Nesse sentido Assis e Campos (2009, p. 97) consideram que “os retornados não reconhecem mais a cidade da qual partiram, estranham o lugar e as relações sociais. A experiência de viver no estrangeiro

faz com que, contraditoriamente, sintam-se estrangeiros em casa.”. Os dados da pesquisa de campo confirmam a perspectiva apresentada por Assis.

Percebe-se que nestes casos, o emigrante não se sente parte da família. Ao contrário dos emigrantes que apresentam estranhamento apenas no início do retorno, como acontece em significativa parte dos casos, este estranhamento duradouro prejudica drasticamente a reinserção e a manutenção do emigrante no seio familiar. O tempo passa e o estranhamento não abranda, ao contrário do que aconteceu com as outras famílias, como, por exemplo, a família 07, em que a esposa afirma que nos primeiros dias do retorno “vivia dizendo pra ele assim, que ele não era ele. Que aquilo era um clone (risos), porque ele sempre foi muito calmo, muito tranquilo e... não sei... ele ficou mais seco, mais desconfiado (...), assim, uma pequena diferença.” (ESPOSA DO EMIGRANTE 7, 2012). O casal possuía 23 anos de convivência conjugal, dos quais nasceram 3 filhos. O marido permaneceu no exterior por um período de 4 anos. Com o passar do tempo o esposo foi adquirindo confiança, perdendo o medo e restabelecendo suas relações.

Bilac (2003) conjectura que a família não é mais vista como organizada por normas estabelecidas. Para ele o modelo familiar institucional está entrando em processo de destruição, refletindo a alta cotação do individualismo nas sociedades contemporâneas. Ressalta ainda que nessas condições a família é vista como “fruto de contínuas negociações e acordos entre seus membros e, nesse sentido, sua duração no tempo depende da duração dos acordos” (BILAC, 2003, p. 37).

A relação que existia entre o pai e uma filha criança, agora é entre o pai e uma filha adolescente. Se antes, quando criança, ele mimava a filha, agora quer protegê-la, compensando tudo que não pôde fazer por ela quando estava no exterior e, como

medida exacerbada de proteção, tolhe sua liberdade. A filha, por sua vez, não familiarizada a tanta proteção, já que sua mãe era mais liberal (proteção esta entendida e subjetivada como imposição de limites), encontra dificuldades para se adaptar a seu pai, o que gera sofrimento psíquico para ambas as partes.

Bilac (2003) acredita que a mudança na organização das famílias é consequência das mudanças na condição feminina, que, por sua vez afeta também os papéis masculinos. Nessa perspectiva faz-se necessário reexaminar os papéis na família visando incorporar a eles as vivências, sentimentos e percepções masculinas.

O empoderamento da mulher do emigrante e a dificuldade da retomada da função paterna

Tanto os emigrantes que conseguiram se reinserir no seio simbólico familiar quando regressaram ao país de origem quanto os que não conseguiram afirmaram que dentre as inúmeras dificuldades encontradas no retorno, a retomada da função paterna foi a que mais se fez perceber.

Embora, os modos de subjetivação na atualidade tenham sido outros, e a família contemporânea tenha se rearranjado, diluindo o lugar culturalmente pré-determinado de pai, mãe e filho o que se percebe através dos relatos do emigrantes e de suas famílias é que esse rearranjo, na maioria das vezes só aconteceu quando o emigrante deixou aqui a sua família para dar conta de um peso que antes ele carregava.

Isso pode ser reflexo da amostragem selecionada para ser trabalhada já que a pesquisa trata apenas de famílias nucleares. Outro fator que deve ser levado em consideração é que a cidade de Governador Valadares, apesar de ser uma cidade de

porte médio e destaque no estado de Minas Gerais, possui uma cultura um tanto tradicional, especialmente no que se refere aos quesitos familiares, visto que grande parte de seus habitantes deriva de cidades vizinhas menores que ainda trazem esses valores mais arraigados do que a dita família contemporânea.

O declínio do patriarcado na família do emigrante deu-se por diversos fatores tais como o empoderamento da esposa, que conseguiu atingir uma autonomia que não possuía quando o marido estava ao seu lado, fazendo tudo por ela; a autonomia dos filhos, que já estão adultos e trabalhando; e quando ainda não estão, por não considerarem o pai como uma figura de autoridade, costumam solicitar à mãe coisas pelas quais o pai sente ser o responsável. Alguns relatos extraídos das entrevistas ilustram esse conflito existente pela retomada da função paterna:

Ahh, assim, não... assim... mais ou menos, tem hora que eu até esqueço que ele ta dentro de casa porque tudo é só a minha mãe, então a gente às vezes acaba meio que esquecendo ele, é: “Ô mãe, pode fazer isso?” aí minha mãe: “Gente seu pai ta dentro de casa!”. Às vezes assim, uma bobeira que eu falo, eu esqueço que ele ta aqui, certas intimidades que eu falo com a minha mãe, as vezes eu até esqueço que ele ta aqui...mas assim, não. É só isso mesmo. (FILHA DO EMIGRANTE 1)

O emigrante 1 permaneceu no exterior por 7 anos. Deixou no Brasil a esposa e um casal de filhos: o menino com 7 e a menina com 17 anos de idade. No retorno encontrou seus filhos com 14 e 24 anos, respectivamente.

(...) eu tava mais acostumada com minha mãe pra falar as coisas né? E o jeito dela é um pouquinho mais diferente. Menos agressiva, né? Mais liberal. E ele já... Ele era também antes. Mas ele voltou meio rude assim, né? (...) o que eu achava mais errado era a parte de quando ele... Ao invés deles entrarem em um consenso, um falava uma coisa e o outro falava outra, né? Eu acho que é isso. (FILHA DO EMIGRANTE 4)

O emigrante 4, de 46 anos, permaneceu no exterior por 5 anos e 10 meses e se encontra casado há 22 anos. A filha que depôs é a mais velha das três que o casal possui. Contava com 15 anos na época que seu pai emigrou. Em seu retorno contava com 21 anos.

(...) às vezes ele quer corrigir e as meninas procuram mais a mim. Quando quer sair e tal... Aí ele fala “deixa, que eu também sou autoridade!”. (...) Ele é pai, ué! Ele tá aqui agora... (...) Até hoje (as filhas) tem um pouquinho de receio. (...) Antes as meninas saíam mais. Hoje tão saindo menos. (ESPOSA 15, 2012)

Esta família possui duas filhas. Casado há 22 anos, permaneceu no exterior por quase 6 anos. A filha mais jovem tinha 10 anos quando o pai partiu e completava 16 no seu retorno.

Giraud (2004) coloca em evidência a crise da parentalidade do ponto de vista paternal que parece ser uma realidade fundamental das sociedades contemporâneas. Nessa linha de raciocínio torna-se ainda mais real esta crise vivenciada no âmbito de

uma família envolvida no processo migratório, já que os pais estão particularmente fragilizados.

Ainda acerca desta dificuldade da retomada da função paterna e da autonomia adquirida pela esposa, o emigrante 7 narra que mesmo após quatro anos do seu retorno ainda entra em atrito algumas vezes com a sua esposa. Antes de emigrar ele é quem fazia as compras, pagava as contas e organizava a dinâmica familiar de uma maneira geral, executando o papel de chefe da família. Com sua ida para o exterior estas responsabilidades ficaram a cargo da sua esposa, que, embora com certa dificuldade, aprendeu a lidar com coisas que antes não sabia. Com o retorno do esposo, ela continuou a fazer as coisas que fazia na ausência dele. O atrito está no fato de que ele quer fazer de um jeito, e ela quer fazer da maneira que aprendeu a fazer e não abre mão do poder adquirido de fazer as coisas por si só. Em relação aos filhos não acontece diferente. Até hoje, quando os “meninos” vão sair, pedem autorização para a mãe e não ao pai, que por tanto tempo deixou de exercer sua função de lei na estrutura familiar. “às vezes eles falam só assim ‘tô indo’, e eu falo assim ‘ó, menino!’ ‘ah, já falei com a mãe’” (EMIGRANTE 7, 2012). Uma filha do casal, que à época da emigração se encontrava com 15 anos, hoje possui seus 22 completos. Ambos os filhos passaram todo este período de 7 anos de ausência do pai sob educação direta da mãe. Nessas condições impostas pela emigração a mãe passa a exercer o papel de pai e de mãe:

Os meninos conversam com ele, mas aí vem pro meu lado. Então eu tenho que dar a palavra final. (...) Tem coisa que eu gostaria que meus filhos crescessem e falassem ‘pai eu vou sair hoje. Posso?’ aí meu marido falasse ‘não’. (...) Não vai lá falar com ele. Fala comigo. (...) eu gostaria que isso não tivesse acontecido. (ESPOSA 7, 2012)

Embora se saiba que em psicanálise a noção de pai não se refere necessariamente à existência de um pai encarnado, o pai real, na sua encarnação deve representar “o governo do pai simbólico, encarregado por ele de assumir a delegação desta autoridade junto à comunidade estrangeira mãe-filho” (DOR, 1991). Inconscientemente, o pai pode ser representado por qualquer indivíduo que, sendo mais velho está em uma posição superior em sabedoria, capacidade e autoridade (BRENNER, 1975). Percebe-se no caso desta e de outras famílias de emigrantes retornados que a mãe, na relação com os filhos, sente falta da presença de um representante da lei. Lei esta que, na grande parte das famílias entrevistadas, era exercida pelo pai real antes da emigração.

Quanto ao processo de autonomia adquirido pelos filhos, o fato mais instigante é que ele poderia acontecer naturalmente estando o pai perto ou longe. Contudo, acostumados a reforçar a fantasia de seus filhos como as crianças dependentes e vulneráveis que deixaram aqui ao partir e ao voltar encontrá-los empoderados e donos de si, o impacto causado assume proporções muito maiores. Quando indagado sobre o que mais notou de diferente na esposa e nas filhas o emigrante 4, que ao todo permaneceu no exterior por 10 anos, responde exatamente:

É que antes elas teriam, assim, em mãos um poder, né. E quando eu cheguei, bem menos, por ter que perguntar pra mim (parafraçando a filha) "pode fazer isso?" "Não pode" "Ah, mas porquê que não pode?". Eu esperava mais. Eu devia ter ficado mais um pouco então pra vir deste jeito. "Apesar de que a gente queria você aqui, a gente pensava que ia te amar" E não sei o que... Eu falei, dinheiro eu tenho tanto,

então o que eu pude fazer eu já fiz. Fiquei sempre pregando isso. O que eu fiz eu me sinto um herói de vocês. Agora, se vocês acham que não tá bão... Se quiser ir pra lá cês vão e depois cês me contam como é que é. Então eu não dei muito mole também não. (EMIGRANTE 4, 2012)

Para Romanelli (2003) as relações interpessoais dentro da família acabam por sujeitar-se aos caminhos individuais de todos que a compõem e à maneira como esses caminhos se inter cruzam, produzindo novas situações. Nesse caso, os focos de atrito são resultados de inevitáveis divergências entre o desejo individual e o objetivo grupal estabelecido. Assim, a ação da família “é marcada por uma dinâmica intensa, que demanda de seus integrantes um constante exercício de repensar o presente e o futuro, o que os leva a reorganizarem continuamente suas estratégias” (ROMANELLI, 2003, p. 76)

Diferente do que aconteceu na família 4, em alguns casos a mulher e/ou filhos já ganham seu próprio dinheiro e isso intensifica a diminuição da autoridade moral do pai/marido e da sua exclusividade como provedor, o que muitas vezes torna-se um potente fator gerador de conflito.

Mas do mesmo modo que encontrar sua mulher empoderada e seus filhos independentes possa provocar a possibilidade de gerar conflito, o emigrante pode sentir-se mais confortável por não ter que assumir tantas obrigações e responsabilidades quanto antes.

Por outro lado também ao regressar pode encontrar a esposa, já cansada de assumir todas as responsabilidades sozinha, querer devolver ao marido todas as suas funções e atribuições anteriores, tal qual aconteceu com uma esposa: “E...depois

também passou a resolver o que eu resolvia antes. Aí já diminuiu a carga. Aí já passou pra ele.” (ESPOSA 4, 2012). Eventos dessa natureza acontecem, embora em quantidade bem inferior, quando comparados às outras famílias entrevistadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hodiernamente esta autoridade paterna e marital não é absoluta e total; ao contrário, “pode ser questionada, criticada e mesmo em alguns casos, negada e rejeitada, com muito mais vigor do que foi no passado” (ROMANELLI, 2003, p. 85).

O estranhamento passa para a relação conjugal, onde ao voltar e encontrar a esposa trabalhando, se arrumando melhor e independente, o emigrante sente-se menos seguro em relação à mesma e então se torna mais ciumento diante da sua impotência, pois já não é mais o único provedor da casa. Em um projeto igualitário de relacionamento entre o casal a questão decisiva é a do exercício da autonomia, de modo a permitir o respeito pela capacidade do outro. Quando se respeitam os limites da autonomia, as relações de autoridade são passíveis de serem modificadas e os papéis de serem divididos, possibilitando assim a requalificação do universo da intimidade.

Portanto, para que houvesse sucesso na reinserção desses emigrantes ao seio familiar foi necessário que ambas as partes cedessem em um ou outro aspecto. O emigrante, por um lado, passa a reconhecer que seus filhos já não são mais as crianças que ele havia deixado outrora para trás e que sua esposa depois dessa experiência vivida não é mais a mesma de antes. A esposa e os filhos, por sua vez, abrem mão de certa liberdade que tinham quando o emigrante estava no exterior, passando a se submeterem em parte às exigências da vida com “o homem da casa” de volta.

AGRADECIMENTOS

À FAPEMIG que se prontificou a financiar o Projeto. Aos colegas do Grupo de Pesquisa SAIS por sua dedicação e ajuda em tempo integral. E especialmente ao meu orientador por me permitir chegar até aqui, fazendo-me perceber que posso alçar voos de alturas inimagináveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, G. O. e CAMPOS, E. C. De volta para Casa: a reconstrução de identidades de emigrantes retornados. *Tempo e Argumento* - Revista do Programa de Pós-graduação em História, v. 1, p. 80-99, 2009.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. 70. ed. Lisboa. LDA: Portugal, 2009.

BILAC, E. D. Família: algumas inquietações. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.). *A família contemporânea em debate*. 5. ed. São Paulo: EDUC: Cortez, 2003. p. 29-38.

DOR, J. *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GIRAUD F, M. MR. Parentalidade e Migrações. In : PEREIRA DA SILVA, M. C. *Ser pai, ser mãe – parentalidade : um desafio para o terceiro milênio*. Brasília: Casa do Psicólogo ; 2004.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M. C. B.(Org.). *A família contemporânea em debate*. 5. ed. São Paulo: EDUC: Cortez, 2003. p. 73-88.

SARTI, C. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.). *A família contemporânea em debate*. 5. ed. São Paulo: EDUC: Cortez, 2003. p. 38-49.

SIQUEIRA, S. *Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil/Estados Unidos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

_____. O sonho frustrado e o sonho realizado: as duas faces da migração para os EUA. *Revista Nuevo Mundo Mundos Nuevo*. 07 de junho de 2007. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index5973.html>. Acesso em 22 de fevereiro de 2013.